

O TURISTA APRENDIZ E A MÁQUINA FOTOGRÁFICA COMO ESTRATÉGIA DE APROXIMAÇÃO SOCIAL¹

O TURISTA APRENDIZ AND THE CÂMERA AS A SOCIAL APPROACH STRATEGY

CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA¹

¹ Doutorando em Literatura – UFSC – Capes.

Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Brasil.

(e-mail: literariocris@hotmail.com)

Resumo:

Este artigo analisa a posição do intelectual Mário de Andrade ao se referir à obra *O turista aprendiz*, no que concerne à sua representação etnográfica e fotográfica, numa tentativa de compreender os problemas sociais, durante sua estada nos estados do Norte e do Nordeste brasileiro. A obra *O turista aprendiz* foi escrita entre os anos de 1928 e 1930, em forma de diários, de anotações e crônicas de viagens. Em um primeiro momento, o escritor paulista publicou originalmente esses escritos no jornal *Diário Nacional*, nas mesmas datas. No entanto, a publicação oficial do livro saiu após os textos serem publicados no jornal, em edição organizada por Telê Ancona Lopez, quase cinquenta anos depois, em 1976. O centro das visitas etnográficas embutido na obra consiste na atenção que o autor dedica ao público proletário, na busca pela formulação de uma cultura popular nacional. O escritor modernista assume uma postura de intelectual comprometido com a sociedade, pretendendo representá-la em seus escritos e crônicas de viagens. Como lastro teórico, baseamo-nos na interpretação de alguns teóricos que mais ajudaram a compreender o panorama dessa dualidade investigativa

¹ Este artigo é fruto de um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Considerações sobre a construção intelectual de Mário de Andrade: O Turista Aprendiz”, defendida em dezembro de 2011 na Universidade Federal de Santa Catarina. Nesta data participaram da defesa a banca examinadora formada pelos professores: Dr. Gilberto Figueiredo Martins (UNESP-Assis); Dra. Rosana Cássia Kamita (UFSC); Tânia de Oliveira Ramos (UFSC); e minha orientadora Dra. Patrícia Pertele Figueiredo Santurbano (UFSC). Gostaria de expressar os meus devidos agradecimentos a todos os professores mencionados.

(Literatura e Fotografia), a saber: Ancona Lopez (1976); Sussekind (2008); Barthes (1981), entre outros, necessários para contemplação do tema proposto.

Palavras-chave: Mário de Andrade *O turista aprendiz*, fotografia e literatura, crônicas de viagem, contribuições sociais, povo.

Abstract:

This paper analyzes the position of the intellectual Mário de Andrade when referring to his book *O turista aprendiz*, with respect to its ethnographic and photographic representation in an attempt to understand the social problems during their stay in the Brazilian states of North and Northeast. The work *O turista aprendiz* was written between the years 1928 and 1930 in the form of diaries, notes and travel chronicles. At first, the São Paulo writer originally published these writings in the newspaper *Diário Nacional*, on the same dates. However, the official publication of the book came out after the texts were published in the paper edition organized by Tele Ancona Lopez, nearly fifty years later, in 1976. The bulge of ethnographic visits embedded in the work is the attention that the author dedicated to the public proletarian, in the search for the formulation of a national popular culture. The modernist writer assumes an intellectual posture committed to society, claiming to represent it in his writings and travel chronicles. As a theoretical ballast, we rely on the interpretation of some theorists who most helped understand the landscape of this investigative duality (Literature and Photography), namely: Lopez (1976); Sussekind (2008); Barthes (1981), among others, required for the contemplation of the proposed subject. We aim that the contributions of this paper can better illuminate the literature and photography duality in academic circles, stimulating new research and investigations.

Keywords: Mário de Andrade *O turista aprendiz*, photography and literature, travel chronicles, social contributions, people.

1. Alguns pressupostos

Telê Porto Ancona Lopez, em sua introdução à obra *O turista aprendiz*, intitulada "A Bordo do Diário", desvela a relevância de compreender a obra de Mário de Andrade, quando diz: "É importante que se divulgue esta obra de Mário de Andrade, ainda que não esteja em uma versão definitiva, porque ela nos fornece elementos importantes para o estudo do seu pensamento, de sua expressão dentro da prosa modernista" (Lopez, 1976, p. 39). Trata-se de uma erudição coberta de preocupações literárias instigantes e, ao mesmo tempo, de uma sugestão investigativa para valorizarmos novas perspectivas e aproximações da ideologia andradiana.

Embora a estudiosa do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP privilegie, em sua introdução, elementos que caracterizam a gênese literária dessa obra, assim como as possíveis ligações com o contexto histórico artístico da época (assunto que a pesquisadora do IEB retoma à amplitude de apenas cinco páginas), percebe-se que seu texto oferece vários desdobramentos que buscam o alicerce daquilo que será a característica primordial na feitura da obra *O turista aprendiz*, ou seja, as crônicas de viagens ou prosa de viagens.

A pesquisa de fontes e redação d' *O turista aprendiz* exigiu do escritor Mário de Andrade uma densa tarefa de análise histórica e hermenêutica.²; ao pesquisador-investigador cabe confrontá-la com outros estudos já publicados,³ servindo-se deles como balizamento e como instrumento de leitura para compreender o período histórico brasileiro em que Mário de Andrade está situado. Pensar sobre a literatura de Mário, impregnada nas crônicas de viagens da obra *O turista aprendiz*, é enveredar por um contexto nacional densamente observado durante sua trajetória de viagens. Por outro lado, (pressupondo que haja um contraste de ideias, o que aqui não acontece) a instigação a esse estudo, presente neste artigo, será prolífico, já que compreender as reflexões acerca da posição do intelectual social e próximo do povo, bem como os efeitos das contribuições sociais deixadas pelo escritor paulista, fortalecerá possíveis considerações que serão canalizadas de maneira contributiva. Tendo em vista seu consagrado poder ideológico e pensamento polígrafo, é através dessas modelações que exploraremos nosso objeto de maneira analítica: a proximidade

² A estudiosa Telê Porto Ancona Lopez (1972, p. 11) aponta algumas direções úteis para a pesquisa na obra de Mário de Andrade: "Em 1950 Cavalcanti Proença mostrou que o caminho para a compreensão da obra de Mário de Andrade deveria ser o da pesquisa, pois ela poderia proporcionar a interpretação correta, livre de apriorismos e projeções. Acredito que o caminho seja válido também para entender a totalidade dos escritores ligados ao Modernismo e as demais estéticas que marcaram a Literatura Brasileira. Nossa crítica não pode ainda se dar ao luxo europeu da interpretação pura, enquanto a documentação continuar arqueologicamente sepultada".

³ Referimo-nos, aqui, aos estudos pioneiros realizados pela estudiosa e crítica Telê Porto Ancona Lopez. Citaremos quase todos eles, ao longo deste caminho de pesquisa.

de Mário com o popular e o social e suas conseqüentes objetivações para uma cultura nacional mais independente.

É de salientar que a obra *O turista aprendiz* foi escrita entre os anos de 1928 e 1930, em forma de diários de anotações e crônicas de viagens. Em um primeiro momento, o escritor paulista publicou originalmente esses escritos no jornal *Diário Nacional*, nas mesmas datas. Nessa mesma época, Mário de Andrade foi redator desses escritos e os enviou ao próprio jornal. No entanto, a publicação oficial do livro saiu após os textos serem publicados no jornal, em edição organizada por Telê Ancona Lopez, quase cinquenta anos depois, em 1976.⁴ *O turista aprendiz* é apresentado estruturalmente como gênero híbrido, muito próximo do diário de viagens (documento histórico e literatura) e, na época em que foi publicado, foi muito criticado por apresentar caráter fragmentado, assim como frases indecisas e sem subordinação, pouco definido, e estrutura interrompida,⁵ que aqui se permite chamar de irrupções circunstanciais do vaivém dos intervalos da escrita.⁶

⁴ O crítico David Arrigucci (1999, p. 290) escreve: “Um notável trabalho de crítica textual, feito por Telê Porto Ancona Lopez, permite a quem lê o gradativo descobrimento da gênese dessa história: desde a mais funda origem, quando a situação vivida durante a viagem se incorpora à experiência do escritor, até todo o desdobrar-se do processo de composição, quando ela é visada diversas vezes em recortes diferentes de escrita e representação literária”.

⁵ Segundo a crítica Telê Porto Ancona Lopez (1993, p. 69) o caráter fragmentário: “A falta de acabamento, o projeto incompleto em determinadas partes que o compõem, o preparo distante no tempo, paradoxal no sententificar o fluxo da criação na pena que correu ou na máquina que disparou, rabiscos e rasuras imediatos lutando pela sintonia entre ideias e execução, esquecendo por vezes a gramática, valem como a memória que respalda o texto impresso, esclarecendo soluções mais elaboradas que nele se encontram. E ampliam, em suma, a compreensão da obra de um autor percebendo o desdobramento do ‘scriptor’ um leitor e crítico de Mário de Andrade”.

⁶ Sobre o gênero híbrido atingido por Mário de Andrade, sua crítica Telê Ancona (1976, p. 31) reforça: “Desde as primeiras declarações do escritor, ficam claras suas intenções quanto ao gênero do livro: um diário, cuja abertura para a narrativa de viagem visava não deixar escapar o peso de uma ótica impressionista, capaz de unir a referencial idade à poeticidade, transformando a experiência vivida (o sentido, o pensado, o biógrafo – o real, enfim), em um texto com finalidade artística que é burilado em termos de distanciamento no arte-fazer. O confessional do diário e o referencial pertencente ao dado de viagem, embora filtrados pela arte, ainda permanecem com elementos do real, dado o hibridismo do gênero, mas a seu lado, firme, intromete-se a ficção” (sic). *A Bordo do Diário*. In: *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.



Figura 1: Capa do livro *O turista aprendiz* de Mário de Andrade. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

A propósito, mas não menos importante, a capa da obra, de cor alaranjada, produzida pela Livraria Duas Cidades, editora de *O turista aprendiz*, no ano de 1976, estampava o escritor paulista folheando um livro com os seguintes dizeres: “Art Populaire”, o que inexoravelmente assegura uma dimensão mais popular e mais social daquilo que buscamos defender ao longo deste artigo. Esta obra não possui capítulos formalizados, numeração de sequências ou divisão de textos, que possam remeter à ideia de um livro programado.⁷ A separação dos episódios e a mudança de localidades são realizadas à medida que Mário vai registrando, dia após dia, durante a viagem, sendo que a sequência temporal utilizada pelo escritor paulista se encarrega de direcionar e conduzir o leitor nos acontecimentos e nas viagens. Uma interessante digressão se faz necessária: se levássemos em conta o indexador da obra, teríamos a

⁷ Telê Porto Ancona Lopez (1992, p. 63) relata que: “O que diferencia a primeira viagem, à Amazônia, é que ela é programadamente um diário destinado a livro e não um conjunto de textos feitos diretamente para o jornal”. In: *O cronista Mário de Andrade* (1992). São Paulo, USP. Tese de livre docência.

respectiva classificação ou a projeção de seu gênero: “Brasil: Descrição e viagens”; “Brasil: Folclore”; “Diários: Literatura brasileira”.⁸

Ainda sobre a materialidade da composição da obra *O turista aprendiz*, o sumário, elaborado por Mário de Andrade, aparenta as normativas de um livro de viagem padrão. As etapas de viagens, aproveitadas como títulos, com as datas e os nomes das cidades, são inseridas como fator de organização e localização para o leitor menos experiente no assunto. O prefácio somente viria a ser escrito dezesseis anos mais tarde, acompanhado do número das respectivas páginas e intitulado: “49 Prefácio”; “51 São Paulo, 7 de maio de 1927”, e assim sucessivamente.⁹ A única desvantagem é que o escritor paulista pouco menciona os temas abordados, como títulos ao longo de seu texto. Mesmo assim, a variedade temática abordada em quase todas essas crônicas foi limitada, pois, por mais que o autor procurasse “dar conta” da maior quantidade possível de informações, através de sua voz enunciativa e representativa, não conseguiu abordar cada uma dessas crônicas com o mesmo interesse e dedicação. É possível que, ao tomar consciência de que desejava publicar a obra em forma de livro, o escritor paulista tenha providenciado a elaboração do sumário posteriormente. Portanto, a maior parte dos títulos dessas crônicas, estabelecida no sumário, contém apenas o local e a data da visita, o que impede o leitor de ter uma melhor compreensão da cidade visitada.

A questão adquire forma: qual é a norma representativa das crônicas escritas por Mário de Andrade na obra *O turista aprendiz*? Seria o resultado de paródias de ilustres viajantes anteriores ou apenas o rescaldo de suas influências? Podemos conjecturar que a possível correlação literária é a já apontada por Ancona Lopez no prefácio da obra, que sugere que o escritor Mário de Andrade bebeu nas fontes das leituras das crônicas de Pero Vaz de Caminha, *Viagens na minha terra*,¹⁰ do escritor português Almeida Garret, e, contemporaneamente, na obra *Pathé Baby*,¹¹ do escritor Alcântara Machado¹², já em pleno período modernista. A última dessas crônicas, seja mera coincidência ou não, foi publicada dois anos antes da viagem de Mário ao Norte do Brasil.

Supostamente, Mário estiliza muito a linguagem de Alcântara Machado, já que seus períodos e frases comportam olhares similares ao *turista aprendiz*. Ao ler esses textos de viajantes e romancistas dispostos a registrar suas viagens, Mário tomou conhecimento das belezas e dos encantos de terras brasileiras desconhecidas e se sentiu encorajado e destemido para empreender sua própria viagem. Ora, as obras

⁸ Informação contida da contracapa da obra *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

⁹ Informações contidas no índice da própria obra *O turista aprendiz* e dele reproduzidas.

¹⁰ Garret, Almeida (1985). *Viagens na minha terra*. São Paulo: Ediouro.

¹¹ Machado, Antônio de Alcântara (1982). *Pathé-baby*. São Paulo: Imprensa Oficial, Arquivo do Estado. (Ed. fac-símile).

¹² Um estudo específico comparativo desse autor com Mário de Andrade constituiria, a nosso ver, significativa contribuição para os estudos literários.

mencionadas comportam e alimentam a mescla de referência documental e ficcional, procurando, como fez Mário de Andrade com o seu turista aprendiz, outorgar uma possível “(...) ficção a partir da realidade experimentada ou observada, fazendo questão de explorá-la em dois aspectos: o real e o ficcional, partindo desse mesmo real”. Como salienta Ancona Lopez, através desses desdobramentos, a própria literatura do escritor modernista fomentava e fornecia para seu público leitor a mescla de fantasia a partir de uma realidade vivenciada em suas crônicas publicadas no *Diário Nacional de São Paulo* e, posteriormente, no lançamento póstumo e oficial da obra no ano de 1976. O próprio Mário escreveu, em forma de ironia, em crônica do dia 27 de maio, na cidade de Belém: “Nestes ‘apontamentos de viagem’, como dizia meu avô, Leite de Moraes, às vezes eu paro hesitando em contar certas coisas, com medo que não me acreditem” (Andrade, 1976, p. 70), asseverando a dificuldade de escrever coisas, nas quais as pessoas não acreditem ou das quais duvidem. Em suma, as influências dessas respectivas obras literárias somente reforçam a tese de que Mário de Andrade buscou respaldar seus escritos perante um manancial mais similar e canônico.

É por esse motivo que o presente trabalho visa expandir o olhar do pesquisador para as possíveis relações entre a arte literária e a fotografia, tal como o fez o escritor Mário de Andrade na obra *O Turista Aprendiz*. O conjunto iconográfico que apresentamos também sumaria a proposta da nossa investigação. Salvo engano, esse breve percurso serve para ilustrar a temática do próprio casamento entre a literatura e a fotografia. Dado o preâmbulo reflexivo resta esquematizar o elenco geral das questões que o presente artigo problematiza: as relações entre Literatura e a Fotografia. Eis, em resumo, algumas indagações e questões colocadas sob a luz das nossas leituras: como o escritor modernista identifica as primeiras cidades que visitou durante sua estada no norte e nordeste brasileiro? Como ocorre a aproximação literária de Mário de Andrade com a fotografia de época? Quais seriam as fotografias tiradas ao longo da viagem? O escritor modernista chega a tecer considerações acerca das fotografias tiradas ao longo da viagem empreendida? Como se forma a personalidade de Mário humanista e dedicado aos assuntos fraternos da sociedade de época? É por meio dessas que tentaremos iluminar alguns desdobramentos. Movimento que rastreamos a seguir.

2. O Turista Aprendiz e a estratégia da aproximação social

Num alegre e ensolarado dia de verão na cidade de São Paulo, vemos um homem em seus 34 anos de idade¹³ – pele pálida devido à falta de sol – andar um pouco

¹³ O crítico literário David Arrigucci (1999, p. 289) relata que: “Em 1927, aos 34 anos, Mário de Andrade viveu a experiência ímpar de uma viagem ao norte do Brasil na companhia de duas belas mocinhas de quinze anos e de uma elegante mulher madura, embarcados em alegre camaradagem ao longo dos rios amazônicos. A viagem, em princípio uma excursão modernista para coleta de material etnográfico e reconhecimento do país, parece ter dado também em outras

desengonçado e olhos instigados pela curiosidade insaciável de enxergar e provar *in vivo* suas experiências e peregrinações culturais rumo ao Norte do Brasil, Bolívia e Peru. Provavelmente, ele, inquieto para verificar *in loco* a quantidade de materiais primários e rústicos, observa a pressa frenética da capital paulistana, com certo receio da falta de tempo para cumprir seus compromissos, protocolos e agendamentos. O mesmo sujeito ainda lembra em sua memória fresca e lúcida as árduas andanças pelo interior de Minas Gerais no ano de 1924.¹⁴ As imagens da última viagem ainda aparecem de forma momentânea nas breves recordações de seu pensamento. Estamos no ano de 1927, exatamente no dia 07 de maio, e o viajante destemido pensa em retornar para sua humilde casa, no bairro da Barra Funda, na rua Lopez Chaves. Lembranças de seu gabinete de reflexão e leitura soam como vontade nostálgica e cômoda de desistir da própria viagem. “As reminiscências de leitura me impulsionaram mais que a verdade, tribos selvagens, jacarés e formigões” (Andrade, 1976, p. 51). Ele verifica e confere na bagagem os pertences que o ajudarão a perquirir melhor suas andanças.

O trem já estava estacionado na estação local e o turista aprendiz ainda não tinha chegado até seu lugar de partida. “Faltam apenas cinco minutos pro trem partir” (Andrade, 1976, p. 51). O nervosismo da pressa de chegar a tempo ao local de partida toma o vulto de uma angústia e inquietação ansiosa pela dúvida cruel de viajar e deixar entes e amigos queridos na sua nostálgica *Pauliceia desvairada*. A incerteza daquilo que viria pela frente e o jogo inusitado dos acontecimentos provocavam diversos sintomas de euforia e medo, que simbolicamente nutriam suas dúvidas. “Estou sorrindo, mas por dentro de mim vai um arrependimento assombrado, cor de incesto” (Andrade, 1976, p. 51).

Pouco tempo depois, o poeta paulista já se encontrava na cidade do Rio de Janeiro, no dia 08 de maio de 1927; almoçou junto com seu fiel amigo e companheiro de intelectualidade Manuel Bandeira e aproveitou para apresentar suas propostas de viagens e atualizar os comentários que, até então, apenas eram realizados através de cartas. Essa proposta seria endossada pelos variados contatos e visitas ao longo de sua trajetória. Enquanto isso, o jovem paulista refez algumas observações sobre a arquitetura local da cidade maravilhosa, mostrando sua argúcia para interpretar a

praias, tornando-se importante para o escritor, sob vários aspectos. Foi parcialmente relatada, como se sabe, em A Bordo do Diário de *O turista aprendiz*, nem tudo, porém, se acha ali”.

¹⁴ Ancona Lopez (1985, s.p) reforça essa justificação: “Viajante à roda de seu quarto, acompanhando no século XVIII a procissão mineira do Triunfo Eucarístico em Conferência na Congregação Mariana, Mário parte, em 1924, na “Viagem da descoberta do Brasil”. Não vai sozinho. Integra a Caravana dos modernistas de São Paulo, os quais, na companhia de dois de seus Mecenas – René Thioiller e D. Olívia Guedes Penteado – e de seu hóspede ilustre Blaise Cendrars, percorre a Minas Gerais da tradição e do povo, encantando-se com as cidadezinhas, cores e formas, as histórias, a música, a imaginária. E percebendo que o primitivismo estático perseguido pelas vanguardas da Europa, seria, para nós, simplesmente, o reconhecimento de nossa sensibilidade”.

psicologia dos cariocas e o espaço citadino. “O mais importante de observar são as ruas dos bairros de residências e os subúrbios pobres” (Andrade, 1976, p. 51). Era normal que, durante essas primeiras etapas, o escritor paulista usufruísse do seu ócio de homem artista e aproveitasse tudo isso para se deleitar na sua trajetória de turista aprendiz. Por outro lado, o seu olhar social e fraterno ia revelando sua personalidade, bem antecipando o que viria pela frente, os problemas do povo e daquilo que estava ao seu redor. “E a pobreza, os operários dos subúrbios não têm a menor dignidade arquitetônica de seu estado: casas enfeitadíssimas, miseráveis, anti-higiênicas e enfeitadas, bancando alegria e festa” (Andrade, 1976, p. 52). Essa precipitação, progressivamente, trar-lhe-ia uma espécie de preocupação com os menos privilegiados e afastados do progresso capitalista.

Posteriormente, no amanhecer do dia 09 de maio, encontramos Mário de Andrade junto a Paulo Prado, criador da obra *Retrato do Brasil*,¹⁵ homem culto e experiente, dotado de grande senso de percepção da nação brasileira. Os dois intelectuais almoçaram juntos, em um cenário propício para tal ocasião: o espaço interno e fresco do calor do famoso Copacabana Palace, então construído há apenas quatro anos. Os diálogos de ambos se aproximavam para uma convivência harmônica e audaciosa perante o destino que ali cruzara suas inquietudes e satisfações pessoais. Além de Paulo Prado, Mário também se encontraria com Graça Aranha, intelectual que permanece até o fim dos protocolos formais de amizade: “O Paulo Prado, quando pode, me conta que na véspera, depois de termos combinado o almoço de hoje, o Graça Aranha lhe dissera que iria almoçar com ele” (Andrade, 1976, p. 52).

Após o encontro tão desejado e já marcado pelo autor do clássico *Retrato do Brasil*, Mário encontraria a noite fresca no encantador bairro de Santa Teresa, na graciosa residência do fiel escudeiro Manuel Bandeira. Lá eles sentiram as emoções da brisa nostálgica, acompanhados por Rodrigo de Mello Franco, em meio à paisagem bela e harmônica, coberta de arquitetura ainda colonial, do alto da residência de seu carismático amigo. A rede solidária de amigos fortalecera ainda mais a persistência e o grau de convencimento de Mário para enfrentar a exótica viagem que viria pela frente, a bordo da embarcação denominada D. Pedro I.¹⁶ Essa rede precisaria ser completada de forma amistosa, já que os amigos da *Pauliceia desvairada* estavam tão afastados e longínquos da real situação que vivenciavam. Sentimentos solidários e nostálgicos

¹⁵ Prado, Paulo (1962). *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

¹⁶ A estudiosa Telê Porto Ancona Lopez (1993, p. 8) ressalta essa questão: “Vencendo as racionalizações, o Turista se prepara. Compra botas e bengala, chapéu e roupas cáqui de explorador inglês, bonés para a perfeita elegância. A Amazônia é um antigo sonho; deve servi-lo, afinal... E guardá-lo nas imagens que trouxe. Esta viagem a Codaque não perde. Como o lápis, a caneta, o bloco, o caderninho, segue, companheira e arrimo. Como eles, acena com a volta ao gabinete.”

foram trocados frente a frente, como se fosse uma última foto no porta-retratos de uma estante velha, esquecida e empoeirada. No entanto, antes de prosseguir, o escritor paulista teve mais um dia de visita, no dia 10 de maio, com Manuel Bandeira, no ateliê do pintor Ismael Néri, e saboreou o jantar na companhia do amigo Dantas e da esposa deste.

Durante o desenrolar dessas primeiras páginas da primeira viagem, Mário de Andrade frisou a vontade de realizar algumas incursões sociais no meio intelectual da época, começando sua longa jornada por outros laços sociais. Por último, para terminar e concluir aquelas andanças com boa esperança e entusiasmo de recordar o cotidiano de suas leituras anteriores, Mário sonhou que encontrou o escritor Machado de Assis, no inferno de Dante.

Pronto e feito, estavam escritas e confeccionadas as três primeiras crônicas de viagens que narrariam seu fiel e desejado encontro com a comitiva de amigos que partiria, junta ou não, para a longa viagem de pesquisas culturais e etnográficas que tanto povoou a cabeça do escritor modernista nos anos anteriores. Via de regra, são crônicas escritas com inspiração nos moldes modernistas, frente aos verdadeiros anseios e inquietudes daquilo que aconteceria nos posteriores encontros. Resultado dessa ansiosa situação foi a quantidade de cartas que Mário trocou com seus colegas e amigos antes de elaborar a própria viagem.¹⁷ E quais seriam esses companheiros ou não de viagens? Por ironia do destino, embarcaram apenas suas amigas D. Olívia Guedes,¹⁸ sua sobrinha Margarida Guedes, e a filha da pintora Tarsila do Amaral, Dulce do Amaral. Em outras palavras, na companhia de mulheres requintadas e adornadas de gracejo e simpatia, o escritor paulista não pensou em desistir do seu projeto.

É lógico que toda essa prosa aqui descrita e reunida ilustra o preâmbulo da primeira viagem de Mário rumo ao tão sonhado, exótico e inusitado Norte Brasileiro, Peru e Bolívia, onde encontrou os saudosos amigos Joaquim Inojosa e Câmara Cascudo. “Luis da Câmara Cascudo, além do mais, é uma crônica viva das tradições norte-riograndenses” (Andrade, 1976, p. 303), afirmou, empolgadamente, Mário em crônica do dia 24 de janeiro, vangloriando o folclorista.

¹⁷ Em carta do dia 19 de maio de 1926, o escritor paulista reforça a tese de sua viagem com o poeta e amigo Manuel Bandeira: “Pois é, estou de viagem marcada pro norte. Vou na Bahia, Recife, Rio Grande do Norte onde vive um amigo do coração que no entanto nunca vi pessoalmente, o Luis da Câmara Cascudo” cit. por Lopez, 1976, pp. 16-17.

¹⁸ O escritor Carlos Heitor Castello Branco (1970, p. 16), em seu acurado ensaio sobre a obra *O turista aprendiz, Macunaíma e a viagem grandota*, reforça a ideia de que Mário possuía uma comitiva de mulheres importantes. “A comitiva embarcava com Olívia Guedes Penteado, dona de um dos derradeiros salões de São Paulo, rival de madame Santos Lobo, que imperava no Rio, duas últimas Mecenas que reuniam os intelectuais ansiosos por fazer seus trocadilhos, alimentar as fofocas da época, ou talvez atraídos pelo bom jantar, que o famoso ‘chá das cinco’ proporcionava ao depois, enchendo o bandulho dos homens de letras. Ainda se vivia um pouco dos floreios da Belle Époque”.



Fotografia 2: Mário de Andrade com Luís Câmara Cascudo – Acervo IEB.

A imagem acima revela o encontro de Mário com o folclorista potiguar. É importante lembrar que o autor de *Macunaíma* ficou alojado na residência de Câmara na cidade de Natal. Já tivemos a oportunidade de explorar esse assunto em artigo intitulado “Crônicas de Viagens e a representação da cidade de Natal na obra *O Turista Aprendiz* de Mário de Andrade”. O trajeto inusitado, por motivos do itinerário de viagem oficial, ainda não estava definitivamente traçado e pronto. Outrossim, podemos postular que a reflexão intelectual de Mário sobre alguns aspectos da geografia local estava ainda um tanto imatura, devido a seu forte despreparo frente às vicissitudes distintas que a cidade de São Paulo apresentava diante das outras cidades visitadas,¹⁹ ou seja, havia um enorme abismo cultural e um contraste distinto diante de tantas novidades que viriam pela frente. Dessa primeira etapa de viagem, que se iniciou no dia 07 de maio de 1927 e terminou no dia 14 de agosto do mesmo ano, já resultaram os esboços das fiéis e romanceadas redações publicadas, posteriormente, no jornal paulista *Diário Nacional*.²⁰ Tais crônicas tiveram como mote a constituição de futuros diários de viagens, os quais, mais tarde, vieram a constituir a primeira parte da obra *O turista*

¹⁹ É lógico que não podemos generalizar, já que o escritor paulista teve acesso a muitos livros e enciclopédias que retratavam o assunto dessas regiões. Portanto, trata-se apenas de uma visão relativa daquilo que Mário supostamente apresentava com pouca familiaridade no assunto.

²⁰ A este propósito, a estudiosa Ancona Lopez (1972, p. 55) aponta que: “Em 1929, ele iniciou no *Diário Nacional* de São Paulo, órgão ligado ao Partido Democrático, sua nova seção, *Taxi*. Escrevia crônicas quase diárias, demonstrando intensa participação na realidade nacional e procurando se comunicar com seus leitores, despertar-lhes o sentido crítico.”

aprendiz, já que o escritor paulista almejava apenas sintetizar todo esse manancial cultural e expô-lo no futuro para seu público leitor.

Após terem passado longos três meses de viagem de estado em estado, de cidade em cidade, de geografia em geografia, mudando de um clima ameno para intempéries bruscas, com várias colheitas de materiais etnográficos, estudos e alguns encontros com intelectuais, o escritor paulista retomou suas atividades em sua cidade natal. Acomodado confortavelmente na cidade de São Paulo, Mário já desejava outros projetos e pesquisas que viriam pela frente. O cheiro dos livros ia-se tornando cada vez mais necessário, para colocar em pauta aquilo que tinha observado. Como isso ocorreria pela frente? Pouco a pouco, Mário tirou a “fantasia” de turista para colocar o figurino de “burocrata intelectual” e se condicionar aos pacatos expedientes de seu gabinete cultural. Possivelmente, dentro de seu escritório, na rua Lopez Chaves, o escritor iria maturar e lembrar tudo aquilo que observara e criara para seus futuros projetos. Com efeito, as andanças lhe renderam amadurecimento e experiência para novas propostas que se delinearão ao longo de sua carreira artística e literária. Portanto, esse manancial ele aproveitou para elaborar novos escritos em seu laboratório de intelectual paulista.

Partindo de dados pontuais, de volta à cidade de São Paulo, estação de trem de Mogi das Cruzes, exatamente no dia 15 de agosto do mesmo ano, Mário, exausto e cansado das andanças pelo Brasil, tinha apenas a preocupação de se despedir da ilustrada comitiva de viagem e tomar o automóvel mais próximo, que já se encontrava à espera dele, rumo a sua bucólica residência na rua Lopez Chaves. Gradativamente, a primeira viagem se encerrava, e, no fundo do pensamento de Mário, permaneciam os resquícios e as saudades das variadas cidades visitadas e dos múltiplos amigos que ficaram para trás.

No trajeto até sua casa, o escritor paulista dividiu ainda suas angústias com outro cidadão, que pegara o mesmo veículo e, com ar de boa prosa e companhia, compartilhara momentos únicos. “Aceito a companhia, que hei-de-fazer! recuso a rachação, o auto já estava alugado mesmo, seria uma indelicadeza pra comigo mesmo aceitar” (Andrade, 1976, p. 197), afirma o escritor, na cidade de São Paulo, em crônica datada de 15 de agosto. Ao que tudo indica, a interjeição no fragmento caracteriza a falta de opção e a escolha definitiva para com o resultado alcançado. Enfim, descarregando a grande mochila e trocando o uniforme de explorador e de etnógrafo literato para trajes mais confortáveis, o escritor paulista chegou bem esgotado a sua casa, por volta das 14 horas, e fez questão de evidenciar a saudade de seus entes queridos e descansar na tão sonhada paz do senhor.

A primeira parte “O Turista Aprendiz: viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia por Marajó até dizer chega” constitui a síntese de alguns acontecimentos mais circunstanciais da pioneira viagem do escritor paulista pelo Norte

brasileiro, Peru e Bolívia. Foi há aproximadamente oitenta e dois anos que Mário viajou pela primeira vez, rumo aos exóticos e desconhecidos rincões desses países visitados, viagem que lhe proporcionou muita sabedoria e conhecimento daquilo que um olhar paulista desconfiado e ingenuamente incipiente apenas observava em enciclopédias e compêndios geográficos e literários.²¹ Tal erudição livresca estava impregnada das leituras realizadas no gabinete de sua casa em São Paulo e foi somada à proximidade social que teve com várias pessoas no espaço da rua e dos locais percorridos.

Com efeito, o escritor paulista sabia que toda essa etapa teria sido crucial para formular e armazenar todo um amálgama do folclore, das tradições locais, das danças típicas, músicas, enfim, uma série de conjuntos artísticos que fortaleceriam seus posteriores estudos e pesquisas. “Ao longo de suas leituras de obras de folclore, Mário irá entendendo o Norte e o Nordeste como ricos repositórios de tradição e cultura popular, que anseia conhecer diretamente” (Lopez, 1972, p. 16).

Se, na primeira parte, as crônicas tiveram preocupação etnográfica, já a segunda, que investigaremos em maiores detalhes e será objeto específico de nossa análise através de um recorte mais social, envolveu uma inusitada ação de Mário em se aproximar, com maior eficácia, da sociedade, de modo a perceber e analisar os anseios populares de época. É claro que o escritor paulista não deixou de fazer etnografia, apenas adicionou uma peculiar maneira de se aproximar mais dos cidadãos. Ao mesmo tempo, tal priorização do social não significa que a nossa análise omitirá o cunho estético literário, artístico e sublime. As questões estéticas, a nosso ver, estão intrinsecamente associadas às questões sociais, pois que têm a ver com a estratificação social estabelecida nas comunidades visitadas por Mário de Andrade ao longo de suas viagens e paradas.

3. Análise – fotografia e literatura na obra *O Turista Aprendiz*

A bem da verdade, outra possível estratégia de aproximação social articulada pelo escritor paulista é o uso da máquina fotográfica para registro de todas as situações e acontecimentos a seu redor.²² A inseparável máquina fotográfica foi a mais integrante

²¹ O poeta Manuel Bandeira (2008, p. 101) comenta e corrobora nossa afirmação desta forma: “E foi esse amor estudioso pelo Brasil que o levou o ano passado aos confins do Amazonas e agora ao Nordeste donde acaba de regressar após três meses de convivência estreita com a população cantadeira dos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte”. Ainda, para complementar a volta para casa, o escritor Mário de Andrade (1983, p. 29) concedeu uma entrevista ao jornal *Diário Nacional* no dia 20 de agosto do mesmo ano. Quando foi questionado se tinha escrito bastante durante a excursão, o escritor paulista respondeu eufórico: “Lá não trabalhei. Limitei-me a riscar algumas notas que, mais tarde, tomarão corpo num livro de viagens: O turista aprendiz e que, talvez, sirvam para uma série de artigos sobre a Amazônia, seus produtos, folclore, possibilidades e belezas”.

²² Sobre este aspecto Ancona Lopez (1993, p. 111, 113) reforça: “Entre 1923 e 1926 poucas são as imagens – parentes e amigos em Araraquara, em São Paulo. Amadurece a preocupação com o enquadramento em instantâneos e poses, algumas calculadas para ele próprio. Durante a viagem

aliada para o pretexto das longas conversas e posteriores parcerias.²³ Muitas das fotografias que compõem a obra *O turista aprendiz* são enriquecidas com paisagens e pessoas com quem Mário teve contato, fortalecendo quer seu poder de aproximação social, quer sua espontaneidade para com o povo. Mesmo naquelas fotos que tirou sozinho, é também possível verificar o grau de alegria e contemplação aos locais visitados. É possível calcularmos que aproveitou os momentos de visita para solicitar a outras pessoas que tirassem suas fotografias e, junto a isso, puxar conversa com pessoas nas redondezas.



Fotografia 3: Mário de Andrade aproveitando momentos na praia – Acervo IEB.

Na foto acima, o autor aproveita momentos de ócio numa praia ensolarada. A indumentária de banho exótica leva-nos a pensar como eram diferentes os modelos de traje naquela época. É possível identificar também o tom de despojamento,

à Amazônia, desponta, de fato, o fotógrafo na plenitude do olhar criador, aliado à busca da precisão técnica. A máquina brasileiramente rebatizada Codaque, o turista aprendiz inventa o verbo 'fotar'. Atento, prova possibilidades de uma arte nova para ele, até pouco tempo admirada somente no trabalho de outros, no cinema ou nas revistas modernas da França e da Alemanha que se encarregavam, também, de apresentar a contribuição dos ingleses, australianos e norte-americanos" (In: *Mário de Andrade: fotógrafo e turista aprendiz*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1993).

²³ Um notável exemplo desse pretexto para puxar conversa ou para se aproximar das pessoas é o episódio em que o escritor Mário de Andrade (1976, p. 55) busca e imagina como se dará sua proximidade com uma mulher estrangeira: "É uma americaninha, girl etê, com muito açúcar e fotografia duma vez. Faz de conta que não sei absolutamente nada de inglês, tiro fotografias. Foi um encanto conversarmos só de olhos e gestos. Nunca olhei tão olhado em minha vida e está sublime. Talvez por causa disso ela me amou eternamente, mas foi obrigada a ficar na Bahia porque não posso ter complicações".

caracterizado pela pose espontânea e inusitada, assim como o cigarro quase solto nos lábios. Digressão à parte, é importante frisarmos que, após tirar várias fotografias, o escritor paulista tinha o hábito de anotar legendas, caracterizando os lugares observados, possivelmente com a finalidade de atingir veracidade sobre os locais visitados, respaldar mais seu olhar de pesquisador e dar ao leitor proximidade com o real.²⁴

Em várias passagens de suas crônicas, o escritor busca o ângulo ideal para registrar seus mais sublimes momentos diante da paisagem que observava.²⁵ As várias fotografias que Mário tirou não foram solitárias, tampouco conseguiu tirá-las por sua conta. Por esse motivo, podemos deduzir que ele tenha solicitado a alguém que as tirasse e aproveitado para se aproximar das pessoas, fazendo novas amizades e contatos. Em suma, é possível acreditar nessa hipótese, já que a obra *O turista aprendiz* é recheada de fotografias que condizem com o aspecto de uma obra de viagens.

Seria impraticável falar da pertinência da dualidade entre Literatura e Fotografia, sem mencionar o nome de Roland Barthes, mas equívoco ainda maior seria tentar traçar um panorama dessa dicotomia tão polêmica e audaciosa, recorrendo ao seu contributo. É ele o estudioso que mais ofertou contribuições, direta e indiretamente, para a evolução desses estudos e de seus principais avatares. O teórico Roland Barthes, em sua obra *A câmara clara*, corrobora de maneira acurada essa relação tão

²⁴ Flora Sussekind (2008, p. 147), em seu ensaio *O Brasil não é longe daqui*, fortalece e aprofunda esses efeitos de veracidade em relação ao documento: “O documento escrito, palpável, parece elemento estratégico de fato importantíssimo para a credibilidade de qualquer relato baseado em coisas – fictícias ou não – vistas ou ouvidas em situação da qual o leitor naturalmente não pode participar in loco, mas em abstrato, pela leitura apenas. É elemento estratégico igualmente para a escrita dos relatos. Daí a quantidade de pranchas, caixas, espécimes vegetais e animais, e anotações que se multiplicam durante as viagens. E, nos próprios relatos, nos quais a todo instante se sugere ao leitor que observe uma prancha ou se menciona que alguém se detivera a esboçar algo recém-descrito em particular”.

²⁵ Em outra passagem e para especificar isso melhor, a crítica Ancona Lopez reflete sobre o fotógrafo e a fotografia: “O turista aprendiz é também o Fotógrafo Aprendiz de Kodak em punho, no exercício de sua arte. Geometriza, procura planos, não teme o close, a figura de costas; estuda a luz, imprime o humor nos instantâneos. Mais tarde, ao colocar legendas no verso das fotos, o poeta se junta ao fotógrafo, achando rimas, trocadilhos, imagens. Em 1927 a viagem enquanto ausência/permanência recebe fotografia sua talvez mais bela expressão. Do deck do vaticano, Mário de Andrade fixa sua sombra nas águas do Madeira e pergunta: “Que-dê o poeta?”. Narciso à beira de seu melhor espelho, um rio da Amazônia, sublima a impossibilidade de ser de lá. Logo em seguida, no Arari, na ilha de Marajó, cuja civilização perdida reverencia, as sombras são duas – ele e o ‘Bufálo vii’. Postando-se ao lado do animal a que repugna, Narciso se conforma. O trocadilho da legenda reforça a estranheza e a inadequação atribuídas: o búfalo é o anti-boi que gosta de lama e macula pureza amazônica. No espaço eleito está também, inexorável, sua realidade de homem do Tietê lamacento, rio anômalo que não deságua no mar, cheio de contradições. A sombra é a alma deste Narciso. No próximo ano de 1928, de volta ao seu meio, a Kodak capta, na terra, um contorno de gigante que merecerá o título camoniano “Sombra minha”... (Lopez (1985, s.p.) Mas se alguém segura o leme/desta nave incandescente. In: Maureen Bissiliat, Tele Porto Ancona Lopez & Marcos da Silva (1985). *O turista aprendiz*. 18ª Bienal de São Paulo. São Paulo: Abril.

problemática e audaciosa. Embora seu ensaio não exemplifique com obras literárias o potencial fotográfico, é essencial aqui provocar algumas reflexões.

O crítico francês segue a linha de raciocínio ensaístico para dizer que, durante o ato da fotografia, existem dois fatores preponderantes – a câmara clara – em que a mão do homem seria justamente necessária – e a câmara escura – que seria uma atitude mais mecânica e, como tal, tornava o lado humano desnecessário. Para Barthes: “A fotografia não rememora o passado (não há nada de proustiano em uma foto). O efeito que ela produz em mim não é o de restituir o que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de atestar que o que vejo de fato existiu” (Barthes, 1981, p. 62). Ao que tudo indica, esse fragmento possui muita semelhança com aquilo que Mário perfaz em seu ato fotográfico, ou seja, aquele capaz de atestar as situações vivenciadas em suas visões durante as cidades visitadas.

Ao compor sua obra *O turista aprendiz*, Mário de Andrade aproveitou as várias possibilidades de explorar o recurso fotográfico como elemento substancial de sua escrita nos diários de viagens. Nesse sentido, o escritor paulista se vale da fotografia ora como matéria de fisgar seu texto em uma realidade local vivenciada, ora como maneira estratégica de estabelecer contatos aproximativos com as pessoas que estavam ao seu redor e, no futuro, também permitirá complementar o acervo de personagens de seus registros e anotações.

Roland Barthes considera que “No fundo, a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa” (Barthes, 1981, p. 62), o que corrobora o intuito das imagens captadas por Mário de Andrade, as quais registram flora e fauna local, as instituições visitadas, as praias nordestinas, igrejas etc. As passagens e algumas circunstâncias já traçadas remontam ao objetivo inicial de captar a perspectiva ideal de canalizar seus escritos para evidenciar aquilo que ele buscava. Daí vem o motivo de ele sempre registrar os fatos com sua máquina fotográfica e manter à risca o potencial verídico de que esteve naquele local. A arquitetura de argumentos formulada por Mário, para conjugar a máquina fotográfica com o objeto literário, ganha consistência à medida que as legendas são compostas como fonte de registro sobre os fatos fotografados e alimentados com os indicadores escritos. Portanto, por esse motivo, é comum que, durante essa etapa, Mário fizesse o possível para registrar com tamanha perspicácia e habilidade, tanto em fotografia quanto em prosa de viagens, as inumeráveis paisagens assistidas.

A estudiosa Ancona Lopez, em seu artigo *O turista aprendiz na Amazônia: a invenção no texto e na imagem*, discorre sobre um panorama de Mário de Andrade como intelectual fotógrafo comprometido com as regiões visitadas naquele período em que esteve no Norte e Nordeste brasileiro. A estudiosa acredita que Mário teve forte motivação para realizar essas fotografias junto a seu material escrito, tendo em vista que

o escritor paulista apresenta “(...) uma espécie de impregnação do Brasil, (...)” e “(...) ambas lhe rendem diários textuais e imagéticos, (...)”, em que os “(...) últimos [estão] unindo legendas às fotografias” (Lopez, 2005, p. 138), escreve a estudiosa. Ancona ressalta a importância que as legendas incorporadas no rodapé das fotografias tiradas pelo escritor paulista sugerem e que “(...) glosam as representações e o exercício fotográfico, ao construir um texto fragmentário, multifacetado e híbrido, como todos os diários”, e continua, para finalizar sua ideia: “Nele viceja tanto o registro que se propõe fidedigno como a criação literária que exerce o humor, o lirismo e a metalinguagem”. (Lopez, 2005, p. 139). Cabe lembrar que o estudo das relações entre a Literatura e a Fotografia já foram alvos de muitos estudos por parte desta autora. Enfim, percebemos através desses três fragmentos a vontade de Mário de cultivar algo que mantivesse um registro mais dinâmico e parecesse como um arquivo de longa data.

Relato literário e fotografia acabam operando, pois, como uma referência audaciosa e convidativa para aquele leitor que já se acostumou com os livros de viagens cobertos de fotografias e desenhos, que remontam a trajetória do viajante. A nosso ver, as fotografias e as anotações de Mário, além de possivelmente garantirem uma estratégia de aproximação social, garantem também o respaldo realístico aos locais visitados. “O princípio da aventura permite-me fazer a Fotografia existir” (Barthes, 1981, p. 36), novamente assevera Roland Barthes. Essa realidade e a ousadia de Mário formariam a dupla perfeita para angariar maior confiabilidade e ousadia a seus escritos. A problemática maior seria o caso de essas fotografias terem sido montadas ou manipuladas, no sentido de se obter um maior grau de imaginação e de invenção. Qual seria o grau de fidedignidade dessas legendas e fotos? Será que isso de fato aconteceu? É possível que isso tenha passado longe e despercebido e, ao que tudo indica, Mário não iria inventariar e ficcionalizar as legendas incluídas nas fotografias, já que isso não favorecia um trabalho de pesquisa tão honesto e ligado às investigações, como o que ele pretendia realizar.

Essa ponte entre literatura e fotografia é essencial para situar a composição genética da obra *O turista aprendiz*. Obviamente, seria impossível prever os reais propósitos de Mário de Andrade, como fotógrafo amador, buscando apenas situar e registrar episódios importantes. Assim, não podemos deixar de acreditar que podemos ao menos construir hipóteses curiosas. Não é por acaso que, em diferentes episódios e acontecimentos da obra *O turista aprendiz*, o escritor paulista aproveita o pretexto da máquina fotográfica para realizar críticas e fazer novas amizades. Mário realiza fortes especulações sobre as fotografias que intenta tirar no calor da hora, e as submete a várias análises, como sucede na sua crônica do dia 30 de janeiro no estado da Paraíba – “O mesmo com este convento de S. Francisco: fotografia mal focada, sem

interesse, não mostrando os valores da arquitetura” (Andrade, 1976, p. 313), numa tentativa de realizar formulações de juízo sobre algumas de suas fotos.

É comum a tentativa de Mário em registrar todos os momentos a que assistiu e que presenciou. Por isso, a obra *O turista aprendiz*, para um bom fotógrafo, pode ser indispensável para um possível aprofundamento e pesquisa. Concluindo, a leitura dessas imagens pela teoria semiótica engrandece aquele olhar mais nostálgico perante os acontecimentos de época e, também por isso, é normal que todo esse acervo não permaneça tão atual, tendo em vista as cinco décadas já passadas.

Novamente, podemos citar e recuperar a erudição de Telê Porto Ancona Lopez, quando diz, em preliminar introdução de sua obra ensaística *Mário de Andrade: Ramais e caminhos* que, para Mário de Andrade compreender e conhecer o povo brasileiro, seria necessário e básico entender que: “A assimilação da literatura popular vai sedimentando a linha do compromisso, levando-o à análise do povo. Torna-se sua ponte de ligação mais nítida com a realidade brasileira, pois recebe da criação popular sua dimensão psicológica e mesmo sociológica” (Lopez, 1972, p. 11). Para Ancona, Mário sempre teve vontade de realizar uma pesquisa popular que visasse compreender o Brasil por diversos ângulos. Gradativamente, a sua aproximação com as pessoas tornou-se também fundamento básico para adquirir o respectivo conhecimento da realidade local. Certamente, dessa forma, segundo a autora, o escritor paulista conseguiu assimilar a devida responsabilidade e o entendimento para formular uma compreensão do popular e do povo. A referência da pesquisadora é importantíssima, no que concerne aos estudos e à nossa leitura, assim como ao fio condutor da obra *O turista aprendiz*. A vontade de investigar o povo acaba aparecendo como uma preocupação muito enfatizada por Ancona em seu prefácio de *O turista aprendiz*,²⁶ constituindo não só o embasamento, mas também possibilitando, simultaneamente, a indicação de um rumo que permitiria instigar e proporcionar novos estudos e investigações.

Na verdade, se fôssemos aqui ampliar o estudo das fotografias da obra *O turista aprendiz* no que concerne os estudos e a nossa leitura, assim como as legendas tecidas por Mário que descrevem os episódios de época, teríamos um grandioso acervo de pesquisa. Esse material seria indispensável para efetuarmos algumas digressões necessárias para uma compreensão mais aprofundada das aproximações sociais feitas pelo escritor Mário de Andrade. Contudo, muitas dessas fotografias trazem resquícios e pistas do manancial genético e histórico necessário para compreender toda essa conjuntura, fato um tanto grandioso, para provocar um estudo direcionado a esse tipo de

²⁶ É importante frisar que o vocábulo “preocupação” aparece diversas vezes no prefácio *Viagens Etnográficas de Mário de Andrade*, de Ancona Lopez. A título de exemplificação, a autora escreve: “(...) e sua preocupação [de Mário] com as condições de vida e de trabalho do povo.” (Lopez, T. P. A. (1976). *Viagens etnográficas de Mário de Andrade*. In: *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, p. 20).

temática. Possivelmente, isso resultaria em outras investigações, fugindo daquilo que buscamos delinear e seguir ao longo deste percurso. Mesmo com alguns apontamentos aqui estabelecidos, são pesquisas/investigações que a academia ainda não solucionou, ou não se interessou por problematizar.

4. Algumas conclusões

Com certeza, Mário rechaçou a vontade de fazer literatura, especificamente crônicas de viagens, mesclando elementos referenciais e ficcionais, pelo estudo do folclore e da etnografia, aproximando o popular e o povo, perfazendo e antecipando aquilo que muitos escritores já na década de 30 faziam em seus escritos, como já abordamos. Uma frase de Mário sintetiza aquilo que foi dito e que resolvemos abordar: “Está claro que uma das minhas observações mais carinhosas vai se dedicando ao homem do povo” (Andrade, 1976, p. 258). Neste contexto, a estudiosa, Ancona Lopez, afirma: “A Mário não atraiu um conhecimento sobre o povo, e sim o conhecimento do povo, haurido em sua voz” (Lopez, 1998, p. 15). Mário não sabia exatamente quais seriam as repercussões de seus diários, que na época foram apenas publicados no *Jornal Diário Nacional* de São Paulo, mas já previa seus efeitos, quando muitos leitores tivessem acesso a seus escritos em forma de livro. Desse modo, o escritor paulista já calculava uma determinada impressão que evidenciasse todos os problemas acumulados na época. Por esse motivo, os diários de viagens da obra *O turista aprendiz* apresentam um olhar conjuntural à realidade do Norte e do Nordeste brasileiros, em que se resgata um panorama documental para muitos pesquisadores da área das ciências humanas: história, geografia, artes. Portanto, todo esse aporte, explorado e descrito por Mário, teve papel fortificador para outros estudos de natureza ficcional ou documental.

A definitiva publicação da obra *O turista aprendiz*, no ano de 1976, pela autoridade de Telê Porto Ancona Lopez, ajudou a projetar a imagem de Mário de Andrade e o seu conhecimento por parte dos leitores, bem como sua personalíssima vontade espiritual modernista. De 1928 a 1929, quando o escritor viajou, até 1976, passou-se quase meio século, em que tais escritos ficaram na penumbra das estantes de pesquisa, até que pudessem prosperar nas leituras dos fiéis discípulos de Mário.

No entanto, graças à iniciativa incomparável de Ancona Lopez que, por conta da edição desse livro, se aventura nos estudos literários sobre Mário, muitos ensaios e investigações estão tomando relevância no meio acadêmico e saltando patamares investigativos no cenário nacional e internacional. Somente na década de 1980 e 90, muitas dissertações, teses e artigos buscaram revelar a amplitude da personalidade e do caráter de Mário de Andrade, com base na obra *O turista aprendiz*, e outros conquistaram novos palcos, em áreas correlatas de estudo da literatura e das ciências humanas em geral.

Finalmente, dentro de uma leitura possível da obra *O turista aprendiz*, cremos ter conseguido analisar e trazer à luz os fragmentos recortados das crônicas, mirando assim o foco da interpretação para além da estética literária e incorporando as novas realidades sociológicas e econômicas.

Não sabemos se foi esse o objetivo planejado por Mário de Andrade, mas calculamos suas possibilidades de criação literária. Queixamo-nos ainda de não ter uma interpretação mais abrangente de seus objetivos como artista e membro eterno de nossa cultura. Outras investigações mais apuradas poderão apresentar respostas a curiosas indagações surgidas durante a leitura deste artigo, assim como outros desdobramentos poderão tornar viáveis outras formas de pesquisa e investigação. Enfim, um cuidadoso e minucioso olhar sobre os manuscritos da obra *O turista aprendiz* e seus expressivos artefatos circunstanciais, produzidos na mesma época, seria um trilha um tanto corajoso e desafiador, por sinais obrigatórios, para aquele pesquisador destinado a postular novas hipóteses e a apresentar genuínos estudos sobre o autor e a sua obra. Contudo, a obra de Mário de Andrade não se esgota com essas leituras, pois, ao mesmo tempo em que desenvolve a urgência vital do pensamento sociológico, lança os fundamentos para a própria projeção de tal pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, Mário de (1976). *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia.
- Andrade, Mário de (1976). *Táxi e crônicas do Diário Nacional* - Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopes. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia.
- Andrade, Mário (1983). *Entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T&A Queiroz Editor.
- Andrade, Mário de (1998). *A imagem de Mário. Fotobiografias de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro. Edições Alumbamento.
- Arrigucci, David (1999). *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bandeira, Manuel (2008). *30 crônicas escolhidas*. São Paulo: Cosacnaify, 2008.
- Barthes, Roland (1981). *A câmara clara*. São Paulo: Nova Fronteira.
- Branco, Carlos Heitor Castello (1970). *Macunaíma e a viagem grandota*. São Paulo: Quatro Artes.
- Garret, Almeida (1985). *Viagens na minha terra*. São Paulo: Ediouro.
- Lopez, Telê Porto Ancona (1972). *Mário de Andrade: Ramais e caminhos*. São Paulo: Universitária.
- Lopez, Telê Porto Ancona (1976). A Bordo do Diário. In: Mário de Andrade, *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades.
- Lopez, Telê Porto Ancona (1985). Mas se alguém segura o leme/desta nave incandescente. In: Maureen Bissiliat, Tele Porto Ancona Lopez & Antônio Marcos da Silva (1985). *18ª Bienal de São Paulo - Catálogo /outubro-dezembro 1985/ Sala Especial O Turista Aprendiz*. São Paulo: Abril. s.p. Disponível em <<http://issuu.com/bienal/docs/name729994>>.
- Lopez, Telê Porto Ancona (1992). *O cronista Mário de Andrade*. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo - USP, Brasil.
- Lopez, Telê Porto Ancona (Org.) (1993). Viagens e o fotógrafo. In: *Mário de Andrade: fotógrafo e turista aprendiz*. São Paulo: IEB/USP.

- Lopez, Telê Porto Ancona (1998). O riso e o rictus. In: Mário de Andrade. *A imagem de Mário: fotobiografia de Mário de Andrade*. Introdução de Telê Ancona Lopez e Texto Crítico de Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: Edições Alumbramento.
- Lopez, Telê Porto Ancona (2005). O turista aprendiz na Amazônia: a invenção no texto e na imagem. *Anais do Museu Paulista História e Cultura Material (An. mus. paul.)* vol. 13, n.º 2, pp. 135-164. São Paulo, July/Dec. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v13n2/a05v13n2.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2011.
- Oliveira, Cristiano Mello (2008). Crônicas de viagens e a representação da cidade de Natal na obra *O Turista Aprendiz* de Mário de Andrade. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*, v. 2, n. 3, p. 327-345, set./dez. Blumenau. ISSN 1981 – 9943. Disponível em <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/1282>>.
- Oliveira, Cristiano Mello de (2011). *Considerações sobre a construção intelectual de Mário de Andrade: O Turista Aprendiz*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2011. (Dissertação de Mestrado). Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/99260>>.
- Paulino, Ana Maria, Mindlin, Diana, Martins, Regina, Gregório, Sérgio, Lopez, Telê Ancona & Washington Racy (Org.) (1993). Viagens e o fotógrafo. In: *Mário de Andrade: fotógrafo e turista aprendiz*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP.
- Prado, Paulo (1962). *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Sussekind, Flora (2008). *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido: 8 de julho de 2015.

Aceite: 30 de novembro de 2015.